



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CCHA – CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES**  
**CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**LÍNGUA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE ETNOLINGUÍSTICA  
SOBRE A VISÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE BARRA  
DE CIMA A RESPEITO DE SUA IDENTIDADE LINGUÍSTICA**

**JORDÂNIA DE MORAIS LÚCIO**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB**

**2013**

**JORDÂNIA DE MORAIS LÚCIO**

**LÍNGUA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE ETNOLINGUÍSTICA  
SOBRE A VISÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE BARRA  
DE CIMA A RESPEITO DE SUA IDENTIDADE LINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Msc. Melânia Nóbrega Pereira de Farias

Catolé do Rocha – PB

2013

L9371 Lúcio, Jordânia de Moraes.

Língua e sociedade: uma análise etnolinguística sobre a visão dos jovens e dos idosos de barra de cima a respeito de sua identidade linguística / Jordânia de Moraes Lúcio. – Catolé do Rocha, PB, 2013.

69 f.

Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, 2013.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Msc. Melânia Nóbrega Pereira de Farias, Departamento de Letras e Humanidades.

1. Identidade. 2. Linguagem. 3. Etnolinguística. I. Título.

21. ed. CDD 410

JORDÂNIA DE MORAIS LÚCIO

**LÍNGUA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE ETNOLINGUÍSTICA  
SOBRE A VISÃO DOS JOVENS E DOS IDOSOS DE BARRA  
DE CIMA A RESPEITO DE SUA IDENTIDADE LINGUÍSTICA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras  
e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da  
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito  
para obtenção do grau de licenciada em Letras.

APROVADO EM: 06 de SETEMBRO de 2013.



Prof.<sup>a</sup>. Msc. Melânia Nóbrega Pereira de Farias  
Orientadora - UEPB/CAMPUS VI



Prof. Msc. Adeilson da Silva Tavares  
Examinador/a - UEPB /CAMPUS VI



Prof.<sup>a</sup>. Msc. Eliene Alves Fernandes  
Examinador/a - UEPB/CAMPUS IV

Catolé do Rocha – PB

2013

Dedico este trabalho a meu pai (José Neto), a minha mãe (Maria Vanda) e a minha irmã (Joédna) pela força e o apoio que me deram no decorrer da minha vida estudantil, e, principalmente pela dedicação que tiveram em me proporcionar a oportunidade de nunca desistir de lutar pelos meus ideais.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, primeiramente, à Deus por me proporcionar saúde, por guiar-me e por me fazer acreditar e realizar todas as minhas metas e aspirações, além de estar abençoando todo o meu processo de aprendizagem.

Agradecer a minha família pela base sólida que sempre me deram para enfrentar as dificuldades e por acreditarem em meu potencial, e a Rudyardson, Jane, Marcos e Rayslla por me acolherem e darem apoio em todos os meus objetivos.

Quero agradecer em especial a minha orientadora e amiga Msc. Melânia Nóbrega Pereira de Farias, por me orientar neste trabalho, sendo sempre muito atenciosa comigo e, principalmente, pelo laço de amizade criado, me proporcionando momentos que vou lembrar sempre com muito carinho.

A todos os professores do Curso de Letras, Campus IV por me proporcionarem ensinamentos os quais serão de grande valor para o meu futuro.

A todos os professores do Ensino Médio, em especial a Maria Nazaré e a Stefânia a quem tenho uma enorme gratidão por terem me transmitido força, conhecimento e amizade me auxiliando na construção deste presente de realizações.

Meus sinceros agradecimentos a todas as minhas amigas que de alguma forma doaram um pouco de si e estiveram sempre comigo nesta jornada.

“Há... é moreira!... é moreira!”, mais... pra mim tanto faz... sô Moreira e... aceito isso... e quem não aceitar... num tem o que fazer!”

(INFORMANTE J 10)

## RESUMO

De forma intransferível a língua é um bem cultural e social, o homem a emprega ao se comunicar com os demais. Impelido da competência linguística, ao qual lhe concerne a habilidade de se fazer entender pelos membros de uma mesma comunidade de fala, o homem modifica, cria e age no meio onde vive. Dito isto, cabe afirmar, a linguagem é permeada da tradição cultural do povo que a utiliza, assim sendo possível o estudo da cultura dentro do plano da língua. É com base no exposto que construímos o objeto desta pesquisa: Como o jovem e o idoso habitantes de “Barra de Cima” (Distrito de São Bento- PB) constroem sua identidade linguística? Aqui feito em um estudo etnolinguístico através de observação participante com utilização do diário de campo, aplicação de questionários e entrevistas realizadas com ambas as classes etárias, com o desígnio de observar cultura e linguagem de modo sincrônico, uma vez que o estudo com as faixas etárias aqui evidenciadas permite essa abordagem. Tal pesquisa buscou ampliar a reflexão sobre a linguagem da comunidade acima determinada, e como seus habitantes jovens e idosos, assim como suas identidades agem na maneira de uso da linguagem. Inquietação surgida durante a realização de um Projeto de Iniciação Científica<sup>1</sup> feito com os idosos de Barra de Cima, abordando a comunidade de fala conhecida por “Moreira”, de seu surgimento à sua recepção no meio social onde vivem. Os resultados deram respaldo para fazer a pesquisa com o jovem, devido a visões diferentes que se combinam e distanciam-se conforme a identificação sociocultural na qual se inserem, permitindo análises a partir da faixa etária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Barra de Cima. Identidade do jovem e do idoso. Linguagem.

---

<sup>1</sup> Nome do Projeto: “Barra de Cima: Um estudo etnolinguístico de uma comunidade rural do sertão paraibano”. Financiado pelo PIBIC de 2011 à 2012.

## ABSTRACT

Transferable so the language is a cultural and social, the man uses when communicating with others. driven linguistic competence, which concerns you the ability to make themselves understood by members of a speech community, man modifies, creates and acts in the middle where you live. That said, it can be said, the language is imbued with the cultural tradition of the people who use it, thus it is possible to study the culture within the plane of the tongue. It is based on the above we construct the object of this study: How young and old inhabitants "Barra de Cima" (District of São Bento- PB) construct their linguistic identity? Here a study done in ethnolinguistic through participant observations using the diary field, questionnaires and interviews with both age classes, with the purpose of observing culture and language synchronous mode, since the age study demonstrated here allows this approach. This research sought to extend work on language community determined above, and how its inhabitants young and old, as well as their identities act in the way of language use. Restlessness arising during the course of an Undergraduate Research Project<sup>2</sup> done with the elderly of Barra de Cima, addressing the speech community known for "Morreira", their emergence to their reception in the social environment where they live. The results gave support to do research with young, due to different views that combine and distance themselves as sociocultural identification in which they operate, allowing analysis from age.

**KEYWORDS:** Barra de Cima. Identity of the young and the elderly. Language.

---

<sup>2</sup> Project name: "Barra de Cima: ethnolinguistic study of a rural community of the interior of Paraíba". funded PIBIC 2011 to 2012

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O ESTUDO DA LÍNGUA NO MEIO SÓCIO-CULTURAL .....</b>	<b>13</b>
<b>3 A PESQUISA EM BARRA DE CIMA .....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 A Pesquisa de Campo .....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Descrevendo o Campo de Pesquisa .....</b>	<b>29</b>
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Pesquisa Realizada com os Idosos no PIBIC .....</b>	<b>31</b>
<b>4.2 A Pesquisa com os Jovens .....</b>	<b>40</b>
<b>5 DISCUSSÃO .....</b>	<b>49</b>
<b>5.1 O Idoso .....</b>	<b>49</b>
<b>5.2 O Jovem .....</b>	<b>56</b>
<b>5.3 O ser “Moreira” pela Visão do Jovem e do idoso de Barra de Cima</b>	<b>59</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIA DA INTERNET .....</b>	<b>69</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Com o advento da linguagem o homem criou modos de interferir na natureza, de agir sobre ela, desenvolvendo tradições e costumes impregnados desde sua gênese do saber construído individual e grupalmente. Assim não podemos falar de língua sem compreendê-la no âmbito cultural a qual pertence, nem entender cultura longe dos entremeios da identidade e linguagem humana. Cabe então acentuar Cultura (LARAIA,1986) sendo um grande complexo de inter-relacionamentos advindos de crenças, leis, artes, conhecimentos e costumes sociais no geral, os quais influenciam intimamente as atitudes e comportamentos de um indivíduo.

Posto que a língua é transmitida e adquirida na dinâmica de troca de saberes dos sujeitos adultos aos jovens, ela também é cultural. Laraia (1986, p.53) reforça em seus estudos, *“a linguagem humana é produto da cultura”* e sem ela não haveria meios do homem desenvolver a oralidade, fazendo-se assim, uma determinante importante no crescimento individual-social de cada um, fator essencial na construção do ser, ou seja, do constituir-se como sujeito individual e comunitário.

A linguagem torna-se imprescindível para a convivência diária, é o meio por onde são transmitidos saberes, valores e informações obtidas durante o percurso de vida dos integrantes de uma mesma sociedade, se transformando através dessas interações, tanto no plano comunicativo quanto social, histórica e geograficamente, a linguagem ainda assume um papel identitário frente à diversidade dos sujeitos os quais a utilizam. Ao estudar-se assim a linguagem de um povo, estará pressuposto a análise de seus costumes na construção do indivíduo e de sua identidade.

A identidade por sua vez, é uma característica cultural da humanidade, perceber sua constituição e colaboração dentro do meio social é um apreender necessário e indispensável para a compreensão da história cultural por qual passaram, e ainda vivem os indivíduos de uma comunidade. E consoantemente com o exposto, Bogo (2008, p.36) compreende a identidade como a união entre natureza e cultura, opondo-se a identidade física humana, sendo aquela constituída da idoneidade da ação e imaginação do homem no ambiente onde vive. Isso se deve ao caráter particular da natureza humana de desenvolver-se constantemente, por

isso, cada grupo de sujeitos ligados pelos conhecimentos adquiridos, tomou seu próprio caminho no desenvolvimento dos costumes, saberes e línguas.

É perceptível que a língua contribui para a construção das identidades em uma comunidade, bem como, as identidades locais caracterizam a constituição da mesma, assim é sabido que caminham juntas .

É com base no exposto anteriormente que se estabeleceu o objeto deste estudo: **como o jovem e o idoso habitantes de “Barra de Cima” (Distrito de São Bento- PB) constroem sua identidade linguística?** Assim pretendemos realizar um estudo etnolinguístico na comunidade em questão, objetivando mostrar a influência da linguagem no âmbito social, a interferência e contribuição das identidades dos seus moradores na cultura linguística local.

Quando fala-se em identidade cultural se entende que são as “diferenças” existentes nos modos e costumes de cada comunidade, e devido a multiplicidade cultural dos grupos humanos, a “diferença de costumes” foi a “razão” para todo tipo de discriminação e dominação de um povo sobre outro. O etnocentrismo é a consideração da própria tradição como o cerne da sociedade civilizada em oposição aos costumes do outro, por vezes sendo avaliados como bárbaros, e perdurando até os dias de hoje camuflada de ironias.

Barra de Cima se caracteriza por costumes e modos próprios, sendo a linguagem a característica mais evidente, que os distinguem das outras comunidades locais, linguagem esta sucedida de seus antepassados, e por isso são conhecidos por “Moreira”, devido ser o nome de uma das primeiras famílias a irem morar na comunidade, mas o termo assume uma distorção burlesca para com as pessoas da comunidade, as quais são por vezes discriminadas e alvo de “chacotas” por usarem uma variante linguística “diferente” da usada pelos grupos mais abastados gerando conflitos internos e externos os quais reforçam os atos de discriminação. E frente a essa situação seus moradores manifestam desagrado por serem assim tratados dentro da sociedade regional, onde os outros se acham “melhores” ou até “superiores” a eles.

O preconceito linguístico coloca barreiras complexas para aqueles ditos “transgressores” da norma linguística privilegiada, refletindo na estigmatização das

variantes populares, e pior ainda, de quem as utiliza, resultando também em um problema de exclusão social. Utilizamos de uma análise descritiva frente às características sociolinguísticas de Barra de Cima, e etnolinguística no que tange a avaliação das opiniões expressas pelos próprios falantes, considerando faixas etárias, gênero, grau de instrução, classe socioeconômica, cor/raça auto atribuídas, buscando ampliar as possibilidades de reflexão sobre a linguagem e identidade do jovem e do idoso, para levar a discussões mais concisas a cerca do que é ser um morador de Barra de Cima, colaborando dessa forma para a valorização da comunidade, de seus aspectos linguísticos, e de seu povo.

## 2 O ESTUDO DA LÍNGUA NO MEIO SÓCIO-CULTURAL

A Linguística é o campo científico de estudos sobre a linguagem, ela surgiu no século XIX com Ferdinand de Saussure (1857-1913), considerado hoje “o pai da linguística moderna”, cuja contribuição de seus estudos resultou em grande influência nos campos da teoria literária e dos estudos culturais. Saussure “deu ênfase especial ao caráter social ou institucional dos sistemas linguísticos. Então ele encarou a linguística como sendo mais próxima da sociologia ou da psicologia social” (LYONS, 2009, p.8); observou o uso de signos na língua, através do que chamou de Semiologia<sup>3</sup>, ciência linguística que estuda os signos linguísticos no âmbito social.

Por sua vez, a Sociolinguística é a parte da linguística que estuda a relação entre língua e sociedade. Em 1964 William Bright organizou um congresso na Universidade da Califórnia, no estado de Los Angeles, Estados Unidos; contando com a participação de homens de renome mundial nos estudos sociolinguísticos: William Labov, Dell Hymes e John Gumperz (SOUZA, 2005, p.153), originando a coletânea Sociolinguistic (Sociolinguística), a obra consolidou os estudos sociolinguísticos, onde seus autores estudam a diversidade linguística na estrutura social.

Os estudos sociolinguísticos podem ser feitos por duas vertentes: a Sociolinguística Interacional e a Variacionista, esta última foi introduzida por Labov em 1927, o qual procurou avaliar como os fatores linguísticos empregavam-se em um contexto social, considerando o sexo, a classe social, a idade, a origem étnica entre outros fatores, ou seja, as características do falante e do ouvinte podiam influenciar no repertório linguístico dos sujeitos no ato da comunicação. A Sociolinguística Interacional por sua vez foi inaugurada por Dell Hymes em 1927. Hymes analisa o modo de agir do falante observando que conforme as circunstâncias do momento enunciativo o mesmo se colocará de formas diferentes:

---

<sup>3</sup> Vide SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. (Org.) Charles Bally. Trad.: Antônio Celini; José Paulo Paes; Izodoro Blikstein. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

dependendo de a quem ele se reporta, do assunto tratado e do local onde se fala, ele modificará seu repertório linguístico.

E a Etnolinguística se refere a análise da linguagem e seus laços com a cultura e a sociedade, a mesma surge da interação entre a sociolinguística e a antropologia linguística, estudando a variação da língua em relação a cultura, bem como de que modo os aspectos dos usos linguísticos se relacionam com a identidade étnica<sup>4</sup>. Os antropólogos Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941) segundo Barrio (2005) foram etnolinguístas americanos, e para eles a língua é uma delatora das experiências de seus falantes, um fator decisivo na formação das visões de mundo dos mesmos, ou seja, a linguagem é marcada constantemente pelas experiências dos seus locutores de modo a expressar a sua cultura por ela.

De acordo com os estudos até aqui abordados se pode observar uma particularidade muito presente em todos: os estudos de língua e linguagem sempre foram permeados pelo mundo social e cultural do povo a qual a detém. É necessária a percepção da inter-relação sujeito-cultura-linguagem para se compreender as escolhas linguísticas feitas pelas comunidades humanas espalhadas pelo mundo, é interessante à nossa pesquisa a observação de Laraia (1986, p. 53) quando ele reverbera que “toda experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação. Assim sendo, a comunicação é um processo cultural.” O processo comunicativo dá base segura ao homem para a transmissão dos saberes, culturas, regras: é um meio de se exprimir para os demais identificando coisas, sentimentos e ideias.

É notável a variedade na qual a língua se desdobra nos vários espaços humanos, com características próprias se diferenciando e modificando conforme a idade, o sexo, a classe social, o grau de escolaridade, as distâncias geográficas e étnicas, e por fatores linguísticos como coloca Bagno (2007), classificando-os em dialeto, socioleto, cronoletto e idioleto, que respectivamente significam: *dialeto* é caracterizado pelo uso de determinada maneira de falar devido o lugar de onde se

---

<sup>4</sup> Vide POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

enuncia, envolvendo uma diversidade de pronúncia, gramática e vocabulário; *socioleto* é a variedade que se dá através do universo sociocultural no qual um grupo de falantes estão inseridos compartilhando as relações de classe social, relações de trabalho, nível de cultura; *cronoleto*, por sua vez, é uma variante de determinado grupo etário, por exemplo as gírias dos jovens de uma determinada geração; *idioleto* é o repertório linguístico individual de um falante onde o mesmo revela sua individualidade na elaboração de suas sentenças. Nosso estudo vai trabalhar com a análise do Socioleto e do cronoleto na comunidade Barra de Cima.

A variação linguística existe pelo fato de as línguas estarem em constante construção na dinâmica comunicativa dos falantes. A língua é viva e por tal motivo não se pode determiná-la, ou melhor, delimitá-la apenas nas normas gramaticais da linguagem escrita (norma padrão). Antunes (2007, p. 89) acusa que: “essa ideia é reforçada pelo fato de que o acesso à cultura da produção escrita se converteu em privilégios de poucos, quer dizer, daqueles que podem ‘pagar’ para serem alfabetizados e inseridos no mundo da comunicação escrita.”, ilusionar o uso “correto” da língua baseado apenas na norma culta é de uma visão tão etnocêntrica, onde quem não possui o conhecimento das normas é tido por “ignorante” ou “sem cultura”, causando discriminação e a exclusão social, tornando a língua um divisor de grupos.

Sabemos que todos *somos cultos* ou *temos cultura*, como defende a antropologia, no sentido de que criamos, ao longo da história, nossas formas de vida, nossas representações e manifestações simbólicas, presentes nas mais triviais atividades do cotidiano, inclusive naquelas atividades ligadas ao uso da linguagem falada ou escrita. É salutar, portanto, que estejamos atentos ao risco de restringir o uso do termo *culto* àqueles itens vinculados aos grupos sociais mais favorecidos. (ANTUNES, 2007, p.87-88) (grifo da autora)

Logo, a discriminação começa desde a marca da palavra “culto” para significar àqueles os quais dominam a língua padrão, deixando a margem da sociedade e no descaso os usuários da língua não padrão, os “sem cultura” de linguagem “feia, pobre, errada”, e são estigmatizados constantemente tanto no âmbito social e em programas de TV, rádio, jornais e etc., deixando claro que a

questão não é linguística e sim social, visto que todo falante é competente em relação à língua a qual faz uso, desmitificando a afirmação de só falar compreensivelmente bem quem domina a norma linguística padrão.

A língua é tão presente na vida cotidiana, a ponto de ser uma necessidade humana. É por meio da linguagem que acontece o primeiro contato do homem com a sociedade. É elementar na colaboração da constituição identitária da criança, é através dela que acontece o contato com a cultura e os costumes do grupo social na qual a mesma está inserida.

É factual: conforme a situação discursiva na qual se encontra o sujeito, ele utiliza a linguagem mais compatível com o momento, ou seja, o falante conhecedor das “normas sociais” de fala formal vai fazer uso desse conhecimento quando a situação pedir. Mas há uma discriminação social quando uma pessoa não conhece/domina a variante normativa da língua, fator dito “indispensável” para o “uso competente” da língua, se tornando alvo de discriminação, mito que precisa ser desmitificado. Perini citado por Bagno (2006, p.124) reforça:

Nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro. [...] Qualquer falante do português possui um conhecimento *implícito* altamente elaborado da língua, [...] esse conhecimento não é fruto da instrução da escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. (grifo do autor)

O conhecimento linguístico é intimamente uma potencialidade humana, mesmo não percebendo as estruturas gramaticais normativas expressas na linguagem materna, o sujeito interage compreensível e linguisticamente bem, característica só encontrada nos falantes nativos de uma língua. Perceber a linguagem a partir da incidência normativa é insuficiente, se faz necessário observá-la também em uso corrente e partindo de sua verdadeira fonte, a fala do povo, onde se cria e resignifica seu uso, característica que a faz ser social e sociável.

Para Bakhtin “A língua, como fato social, supõe para qualquer enunciado um direcionamento, quer dizer, o fato de orientar-se sempre para o *outro*. Sem isso o

enunciado não pode existir.” (SOUZA, 2009, p.110, grifo da autora). De fato, só existe um diálogo quando há outro contribuinte para ele, mesmo sendo esse “outro” apenas ouvinte, mas imprescindível para o ato comunicativo, a fala necessita de um direcionamento, ou seja, fala-se para/com alguém (o outro). E para definir o “outro” precisa se entender o “eu”, onde a identidade é a chave para tal compreensão. A identidade própria perpassa pela construção do ideário de si mesmo e do que seja o outro, é o mais puro resultado da intervenção dos costumes familiares, comunitários e sociais e da interação dos grupos humanos durante toda história da humanidade.

A língua sendo fruto dessa socialização por qual passa o homem, mostra-se uma delatora de costumes, pois todas as comunidades se demonstram diferentes “tanto em determinadas partes de suas culturas, como são reveladas e conservadas em parte de suas línguas.” (ROBINS,1981, p.358), evidenciando-se no ato comunicativo, onde nossa identidade é construída, e também, agindo de forma contrária, modifica-a (a identidade). Relações de enfrentamento, incompreensões e preconceitos regem essa mudança no íntimo do homem, quando o mesmo assume os valores sociais de prestígio e abandona os de sua comunidade como uma tentativa de se inserir e ser “aceito” na “sociedade culta”, por assim dizer. Arraigado ao preconceito está o etnocentrismo, que segundo Rocha (1989, p.7):

[...] é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através de nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência. No plano intelectual, pode ser visto como dificuldade de pensarmos a diferença.

A diferença é impactante, causa estranhamento no íntimo do ego humano, revelando a influência dos costumes culturais do homem aprendidos no grupo social, a ponto de considera-lo o cerne da sociedade culta, o superior aos outros, sinônimo de perfeição. A língua sendo uma das marcas da socialização dos sujeitos, expressa-se de acordo com a identidade histórico-cultural de seus locutores e, deixar-se dominar por um língua de prestígio ou mesmo dominar através dela é uma atitude a qual deve ser discutida e denunciada, e é o que Bagno (2006) vem fazendo em seus estudos sobre a língua e sua história, divulgando e desvendando a

realidade linguística de nosso país. E é com atenção ao seu trabalho, que tomamos por base seus estudos sobre variedade linguística para realizarmos o estudo em Barra de Cima, Distrito de São Bento-PB.

Ter a língua como algo mutável, com vistas à diferença de idade entre as pessoas, às regiões geográficas, aos grupos sociais e seus códigos culturais, à classe social e à duração de contato com a escola, torna justificável o uso de determinada variedade linguística pelos sujeitos constituintes dos grupos humanos. Essas variedades no uso da língua chamam-se de Variação Linguística, variação resultante das múltiplas relações entre a história, a sociedade e a cultura de um povo. Bagno (2009, p. 37) ainda reitera: “A língua é rica, múltipla, é híbrida, é heterogênea, é variável, é mutante. Precisamos aprender a conviver com tudo isso e parar de imaginar que, na língua, as coisas são organizadas na base do “sim” e do “não”, como um código de leis.”, se faz necessário compreender a gramática como uma normatização da língua, sua utilização na oralidade é válida, especialmente quando o momento enunciativo é monitorado, mas vale ressaltar, a elocução formal é apenas uma das variedades da gama linguística do falante, não podendo, assim, classificar determinada variante em certa e errada, feia ou bonita, mas entendê-la dentro do ambiente sociocultural onde surge.

Assim, pode se observar a linguagem em sua dimensão histórica. No caso de nosso estudo, por trabalhar com material oral, apreciaremos algumas abordagens em relação ao campo da História Oral e o da Memória Social por serem ligadas pelo mesmo objeto de análise com abordagens tenazes ao trabalho com fontes orais, conferindo cientificidade a nossa análise sobre a referida comunidade.

O relato oral passou por grande desvalorização no meio acadêmico, devido a falta de comprovação e a atemporalidade inerente ao dado oral, diferentemente dos documentos escritos (Históricos), palpáveis, fixos e livres da subjetividade, característica esta acentuada na oralidade. Mas o relato compreendido como uma experiência individual expõe as vivências do informante e sua individualidade, o exposto na enunciação é verdadeiro, pois traduz uma realidade vivida. A valorização desse tipo de dado surgiu com Heródoto, um historiador grego, que por se interessar em lendas e tradições, reuniu um vasto material oral. Seu trabalho se deteve em escrever as histórias contadas e as vivências advindas de suas viagens pelo mundo

antigo, por muitos é considerado o “Pai da História”, e entre os etnólogos o “Pai da Antropologia”.

Apenas em 1948, a História Oral passa a ser relevante para a construção da história da sociedade humana, mas nessa época ela se restringia a “história das classes altas”, dando voz às classes populares apenas em 1964, onde passa a ser vista a história do povo como contribuinte nos fatos que levam à mudança social. Esta corrente se desenvolveu mais fortemente nos anos 60, na Inglaterra, com os estudos de Paul Thompson, privilegiando a voz da classe operária, com a finalidade de equiparar a própria história. E nos anos 80, há uma apreensão maior com o meio teórico-metodológico em relação a Memória, perdendo um pouco sua vertente popular.

No Brasil, os estudos do campo da História Oral só vieram a se desenvolver após a ditadura em meados dos anos 1975. Nos anos 90 houve uma grande expansão no campo da História Oral, de modo a ampliar os conhecimentos da área, resgatando temas como a memória e a história. Foram oferecidos cursos pela Fundação Ford, os quais mostraram três tendências de trabalho com a história oral: a primeira trabalhando com a reconstrução da história dos “excluídos”; a segunda com projetos de retomada da história dos pequenos grupos comunitários; e a terceira funcionava mais como uma ferramenta de marketing justo por pesquisar a história de alguma empresa e transformá-la em propaganda, seu ponto negativo é justamente por ser para divulgação comercial da empresa, podendo ser “encoberta” parte dessa história.

História, memória e identidade permeiam os dados coletados nas pesquisas de história oral, mas é válido diferenciá-las para não haver o equívoco quanto suas especificidades. Segundo Meihy (2012)<sup>5</sup>, Memória e História são por vezes confundidas, mas são diferentes, assim:

---

<sup>5</sup> Palestra em vídeo com José Carlos Bom Meihy. **Memória, História Oral e Diferença**. São Paulo: SESC Memórias. 2012. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM](http://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM)>. Acesso em: 01 ago. 2013.

História e memória são coisas totalmente diferentes ainda que ligadas no seu objeto de busca. [...] Memória é um agente fluido, algo que não está referenciado num suporte concreto. Quase sempre a memória passa pela fala, e a memória torna-se fluida, seletiva, líquida, enquanto que a História vai se apoiar em documentos escritos com certa vitalidade própria, com critérios de armazenamento [...] há uma organização onde o escrito permite.

Perceptível ao dito, memória como “fluida” e a história como palpável (por ser documentada) ou fixa, acaba, por vezes, se confrontando, e sabendo ainda que ambas podem buscar a apreciação da identidade comunitária, Identidade a qual perpassa pelo individual e o coletivo na constituição do sujeito histórico e social. Sendo assim, identificar bem esses termos é necessário ao bom desempenho analítico das fontes orais. E sendo a identidade uma constante importante e muito recorrente no texto, cabe conceituá-la histórica e teoricamente.

O conceito de identidade, no mundo ocidental surgiu com Parmênides, em meio ao século 5º a.C., segundo ele a identidade era estática e presente “onde a única realidade era o ser, imutável, infinito e imóvel.” (BOGO, 2008, p.31). Bem mais tarde, Hegel (1770-1831) entendia o homem e a natureza como duas coisas distintas por si próprias, pois tinham histórias diferentes, uma criada pela espontaneidade natural das coisas, e outra advinda da interferência da criação, ou seja, a cultura. Karl Max (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) “verificam que o homem faz parte da natureza com suas particularidades de gênero e, ao mesmo tempo, por ter necessidades humanas e sociais, transformam-na, transformando-se a si próprios.” (BOGO, 2008, p. 35). Estabelecendo a existência de uma dialética nos movimentos dos contrários encontrando relação entre eles.

Muitos estudos referentes à área surgiram e grandes contribuições vieram a acrescer a análise da identidade, sendo importante para o trabalho tanto da língua como para depreender sobre a constituição do social e individual.

A língua, pois, torna-se um meio de transmissão não só de conhecimentos, mas âmbito de interação e troca de valores culturais, individuais e ideológicos contribuindo diretamente nas identidades dos sujeitos. Ela também categoriza as diversidades dos grupos humanos e indexa ainda as diferenças etárias entre as pessoas, pois nas palavras de Mônica Rector (1994, p.15) “a diferença é que dá a

idade”. A linguagem usada pelo idoso se diferencia daquela usada pelo jovem, ou melhor, dizendo, seus repertórios linguísticos são constituídos por diferentes estágios evolutivos da língua, ou seja, o idoso tende a conservar boa parte dos termos que usava em sua mocidade, já o jovem é o principal contribuinte na evolução dela (a língua). Mannheim *apud* Groppo (2000, p.22) explica a tendência de resistência do indivíduo maduro frente às mudanças sociais, sua elucidação torna-se pertinente também ao uso da língua, pois ela é uma instituição social sensível à mudança, o mesmo diz que:

Para Mannheim, na juventude os indivíduos realizam pela primeira vez a absorção consciente de suas experiências sociais, passam a ter realmente uma experimentação pessoal para com a vida. Já na maturidade, as novas experiências recebem, em geral, elucidação racional e reflexiva, sendo julgadas e analisadas pelo indivíduo a partir de padrões de conhecimento já sedimentados. A resistência dos indivíduos maduros à mudança social é, portanto, muito maior do que a dos jovens, pois os adultos já têm seu quadro de referências formado, segundo Mannheim. Esta recepção diferente dos acontecimentos, principalmente das transformações sociais, explica por que os grupos etários mais velhos não participam da mesma unidade de geração dos grupos etários mais jovens.

O tratamento da linguagem passa por esse processo de amadurecimento do/pelo homem, revelando a pertinência dos estudos de Karl Max e Friedrich Engels, acima citados, tangente à existência de uma dialética nos movimentos contrários encontrando relações entre eles, ou seja, trazendo isso para a relação homem-língua, chega-se a conclusão: o homem transforma a língua e é transformado por ela. E como estamos tratando sobre o jovem e o idoso, cabe encontrá-los dentro do sistema social o qual constituem e contribuem para sua manutenção.

Atualmente foi criado o Estatuto da Juventude<sup>6</sup>, e conforme o Artigo Primeiro “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte nove) anos de idade”. Mas será a idade a referência? Será a classe etária que define o indivíduo, ou o critério sociocultural? Referente às esses questionamentos Semenzato *apud* Groppo (2000, p.11) responde:

---

<sup>6</sup> BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2013. 02p.

A idade cronológica como critério, isto é, o período de tempo dividido arbitrariamente em fragmentos da própria vida do sujeito, torna-se estática se não associada a outros critérios... é o sistema sócio-cultural e econômico que determina o início, o final, os períodos de transição de cada fase da vida humana.

Percebe-se, então, que a juventude é mais do que uma determinada idade, pois ao defini-la como uma situação sócio-cultural, ela passa a ser uma categoria social significativa para seus integrantes, pois compreende uma linha de comportamentos e atitudes características dela. Valendo ressaltar a multiplicidade de juventudes existentes na Era Moderna, a qual corrobora o princípio da relativização dos critérios dos grupos étnicos, de gênero, da classe social, da faixa etária, da nacionalidade e do contexto histórico na construção da identidade de cada ser humano. Com isso, a juventude é uma classe atuante importante para a compreensão dos relacionamentos sociais e de suas mudanças.

Considerando o jovem importante na sociedade e para a transformação dela, o quê se pode falar do idoso? Considera-se idosa toda pessoa que, apresenta idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de idade, conforme o artigo primeiro do Estatuto do Idoso (2003)<sup>7</sup>. O idoso na sociedade moderna, capitalista e industrializada, a cada dia mais vem sendo esquecido tanto como trabalhador, quanto sua potencialidade ao conhecimento de vida é desvalorizado. A sociedade moderna, como aborda Bosi (2004), torna-se então nociva ao indivíduo de idade, recusando e abandonando-o frente à vida social.

Defender os direitos humanos nunca foi tão falado na sociedade global. “A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele” (BOSI, 2004, p.81). Nas comunidades antigas a pessoa velha era valorizada por seu conhecimento de mundo, sendo por vezes o ancião detentor de poder (político e místico). Diferentemente da degradação da imagem do “velho” encontrada hoje.

---

<sup>7</sup> BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 2003. 68p.

Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. (...) Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? (...) haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna (BOSI, 2004, p.80-81).

Dar responsabilidades e objetivos ao ser humano é implantar nele a centelha do sonho, dar metas significa encontrar desígnios para se conquistar na vida. Não existindo ao homem metas e sonhos se tira dele a alegria de viver, ao ponto de torná-lo depressivo, por se achar inútil, explicam-se assim muitos casos de depressão na “melhor” idade. Ao desvalorizar as memórias a sociedade perde uma importante parte de sua constituição histórica e cultural, pois é inerente ao idoso contar lembranças, estas são constituídas das vivências individuais e comunitárias, conseqüentemente guardam a memória de um povo, a sua história.

Ao dar valor simbólico às lembranças contadas oralmente, criam-se brechas para analisar a cultura, a língua, os traços étnicos e identitários do locutor, o qual imprime a si nela, e dá seu próprio sentido a história. Dessa forma, o relato oral oferece ao pesquisador meios de mediação entre a prática e a teoria, além de ser uma fonte inesgotável e repleta de implicações.

### 3 A PESQUISA EM BARRA DE CIMA

Os dados avaliados neste trabalho foram colhidos no município de São Bento-PB, mais especificamente no Distrito de Barra de Cima, comunidade de fala escolhida por possuir uma variante linguística diferente das outras comunidades que a circundam. Ela é composta principalmente por pessoas das famílias Junqueira, Moreira e Elias, as quais a fundaram formando uma grande família, onde todos os moradores naturais de lá são primos, sendo comum o casamento entre eles, pois há uma recorrência quanto à preferência por uniões entre as pessoas da mesma localidade.

Ao designar um caminho deve-se levar em conta o tipo de problema a ser investigado, direcionando os objetivos, alicerçando-os aos pressupostos teóricos do pesquisador. E para a consecução desse estudo, descritivo-analítico e qualitativo realizou-se de uma pesquisa de campo, a qual seguiu os seguintes procedimentos:

- I. Realização de observação participante;
- II. Uso do diário de campo;
- III. Aplicação de questionários semi-estruturados;
- IV. Realização de entrevistas abertas, pré-estruturadas e individuais.

Para melhor compreender o contexto da pesquisa, faremos uma exposição sobre a pesquisa de campo feita, e em seguida apresentaremos o município de São Bento-PB e seus aspectos por sua importância para compreender o contexto histórico e econômico de Barra de Cima.

A pesquisa de campo aqui documentada foi realizada em dois momentos distintos: A primeira pesquisa de campo foi realizada com os idosos da comunidade em 2012, entre os meses de Janeiro à Maio, para o projeto do PIBIC; A segunda

pesquisa de campo feita com os jovens em Barra de Cima aconteceu nos meses de Maio à Junho de 2013, a qual se destinou ao estudo aqui proposto.

No estudo evidenciado acima, a relação entre memória, história, língua e identidade são bastante recorrentes, já que o mesmo tem como objetivo analisar a influência da linguagem, a interferência e as contribuições das identidades, dos moradores da comunidade a cima referida, na cultura linguística local. Privilegiando assim duas classes etárias os jovens e idosos, de modo a serem os interlocutores contribuintes de nossa pesquisa.

### **3.1 A Pesquisa de Campo**

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo. É freqüente se afirmar que a pesquisa de campo é aquela que diferencia as formas de construção de conhecimento em Antropologia em relação a outros campos de conhecimento das ciências humanas. De fato a pesquisa de campo, como mostra Oliveira (2000), encontra sua especificidade em ser desenvolvida no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a convivência mais ou menos prolongada do(a) pesquisador(a) junto ao grupo social a ser estudado.

A prática da pesquisa de campo responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente às técnicas de pesquisa da observação participante, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, aplicação de questionários etc.

A pesquisa de campo constituindo-se no exercício do olhar (ver), do escutar (ouvir) e do escrever, assim como propõe Oliveira (2000), impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do

fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.

Portanto, aqui o uso do procedimento da observação participante justifica-se pela própria natureza do objeto deste estudo: “o jeito de falar” daqueles que moram em Barra de Cima. Tal procedimento tornou-se necessário, então, no sentido de identificar a estrutura social da população estudada e descobrir o universo vivido pela mesma, conforme foram os nossos objetivos.

A observação participante na comunidade de Barra de Cima realizou-se no período de janeiro a Maio de 2012, valendo ressaltar que esta acontecia sempre durante os dias da semana, pois aos sábados e domingos muitos habitantes da comunidade, inclusive os idosos, desenvolvem atividades de lazer em outras localidades, dificultando a execução deste procedimento.

A partir da observação participante pretendeu-se investigar os saberes e as práticas na vida social da comunidade e reconhecer as ações e as representações coletivas lá existentes. O intuito da equipe de pesquisa era o de se engajar em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos.

Sendo assim, as primeiras incursões ao campo de pesquisa, de caráter exploratório, foram norteadas pelos olhares atentos das pesquisadoras ao contexto e a tudo o que acontecia no espaço observado. Todas as incursões feitas foram devidamente registradas em diários de campo individuais a cada membro da equipe de pesquisa. Este diário, então, foi utilizado para o registro da informação observada interativamente não fosse relegado ao esquecimento.

Para a pesquisadora, o diário de campo não serviu apenas como um instrumento de “passar a limpo” todas as situações, fatos e acontecimentos vividos durante o tempo transcorrido de um dia compartilhado no interior da comunidade. Ele foi o espaço fundamental para arranjar o encadeamento das ações futuras em campo, desde uma avaliação das incorreções e imperfeições ocorridas no dia de trabalho de campo, dúvidas conceituais e de procedimento ético. Configurou-se, então, como um espaço através do qual a pesquisadora pudesse avaliar sua própria conduta em campo, seus deslizos e acertos junto aos pesquisados, numa constante vigilância epistemológica.

Vale destacar neste sentido, por exemplo, que já na primeira visita à comunidade percebeu-se entre seus moradores um falar “diferente”, bem como um gosto bastante acentuado pelo uso de adereços de ouro, de roupas extremamente coloridas e de cores aberrantes, sempre com o máximo de brilho, apliques, estampas e bordados.

Outro aspecto merecedor de destaque é o reconhecimento que houve, por parte da equipe de pesquisa, a princípio, de certo receio dos moradores da comunidade em relação às pesquisadoras, atitude esta que é considerada bastante comum ocorrer nas pesquisas de campo. Porém, também se tornou perceptível que no decorrer do trabalho de campo e com a aproximação e estreitamento dos vínculos entre pesquisadoras e pesquisados, desfez-se este receio.

Assim, durante as incursões ao campo observado a curiosidade inicial foi substituída por indagações sobre como aquela realidade social é construída. Esta demanda foi habitada por aspectos comparativos que nasceram da inserção densa, tal qual sugere Geertz (1978), das pesquisadoras no compromisso de refletir sobre a vida social, estando dispostas a vivenciar a experiência de inter-subjetividade. Portanto, o propósito das pesquisadoras era o de cotejar os aspectos percebidos, cada vez mais orientadas por questões teórico-conceituais discutidas na fase inicial da pesquisa, tendo sido esta anterior à entrada no campo de pesquisa mediante o procedimento da pesquisa bibliográfica.

Já os questionários e as entrevistas foram usados no sentido de através dos mesmos apreender-se a visão de mundo dos membros da comunidade acerca do modo como eles vêem a sua prática da língua e levando em consideração esta última, como eles vêem a si próprios.

Vale ressaltar que os questionários foram aplicados entre todos os noventa e um idosos da comunidade, público-alvo desta pesquisa. No entanto, as entrevistas foram realizadas apenas com nove idosos, tendo estes idade igual ou superior à oitenta anos. Tal critério foi utilizado devido ao entendimento de que estes seriam os mais indicados para o fornecimento dos dados, uma vez que, sendo os “mais antigos” e, assim, “tendo mais histórias para contar”, configurar-se-iam enquanto interlocutores privilegiados.

Quando da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas, a disposição da equipe de pesquisa era a de escutar o Outro, a qual não é tarefa evidente, como coloca Oliveira (2000). Exige um aprendizado a ser conquistado a cada saída de campo, a cada visita para a entrevista, a cada questionário aplicado. Os constrangimentos enfrentados pelo desconhecimento foram sendo superados pela definição cada vez mais concreta da linha temática a ser colocada como objetivo da comunicação.

Cumprir registrar que uma forma encontrada para facilitar a aplicação dos questionários, a qual aconteceu durante o mês de abril do ano de 2012, foi conhecer antecipadamente o nome de todos aqueles que seriam alvo da pesquisa. Para isto, recorreu-se aos Agentes Municipais de Saúde da comunidade, os quais forneceram as informações referentes aos nomes, apelidos e pontos de referência para chegar até a casa de cada um dos interlocutores desta pesquisa. Sendo assim, quando da realização das entrevistas, durante o mês de maio de 2012, por já ter havido antes um contato anterior, os interlocutores se mostraram mais receptivos e mais à vontade.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde de São Bento, a comunidade apresenta uma população de 1.189 habitantes, distribuídos em 327 famílias, De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde de São Bento, sendo que neste universo existem 91 idosos, e 235 jovens (de quinze à vinte nove anos).

A pesquisa com os jovens surgiu da inquietação durante a realização de um Projeto de Iniciação Científica<sup>8</sup> feito com os idosos de Barra de Cima, abordando a comunidade de fala conhecida por “Moreira”, de seu surgimento à sua recepção no meio social onde vivem. Os resultados deram respaldo para fazer a pesquisa com os jovens, devido a visões diferentes que se combinam e distanciam-se conforme a identificação sociocultural na qual se inserem, permitindo análises a partir da faixa etária.

Os jovens foram selecionados de acordo com a idade de 15 (quinze) à 18 (dezoito) anos e que estavam cursando o ensino médio no município de São Bento,

---

<sup>8</sup> Nome do Projeto: “Barra de Cima: Um estudo etnolinguístico de uma comunidade rural do sertão paraibano”. Financiado pelo PIBIC de 2011 à 2012.

destes foram contabilizados 31 (trinta e um) no geral, onde 15 (quinze) entre eles foram selecionados, via sorteio, para serem feitas as entrevistas, conforme a metodologia qualitativa dos dados.

A prática da pesquisa de campo, pois, tem por desafio compreender e interpretar as transformações da realidade desde seu interior. Mas, sabe-se também, como propõe Oliveira (2000), que toda produção de conhecimento circunscreve o trajeto humano. Assim, o ofício de etnógrafo pela observação participante, pela entrevista, pelo diário de campo, pelo questionário, entre outros, coloca pesquisador, como é aqui o caso, mediante o compromisso de ampliar as possibilidades de re-conhecimento das diversas formas de participação e construção da vida social.

Desta feita, os dados coletados foram analisados qualitativamente, como ressalta Chizzotti (2005), à luz do referencial teórico consultado.

### **3.2 Descrevendo o Campo da Pesquisa**

Cumprido, então, deixar claros os critérios utilizados para a realização dos procedimentos colocados acima. Começamos por tratar do *lócus* e do universo que compreende esta pesquisa.

O *lócus* de nossa pesquisa é o município de São Bento, mais especificamente a comunidade de Barra de Cima. Barra de Cima faz parte do município de São Bento, que está localizado no Alto Sertão Paraibano, fazendo divisa com o Rio Grande do Norte, e com as cidades paraibanas, Brejo do Cruz, Riacho dos Cavalos e Paulista. Está situada na microregião de Catolé do Rocha, com área territorial de 256,7 Km<sup>2</sup>, a altitude de 141m, clima quente e seco, vegetação de tipo caatinga; fica a 380 km da capital do Estado.

Para que se entenda a realidade de Barra de Cima, faz-se necessário que se tenha discernimento do contexto, para isto, é fundamental que se compreenda a história da cidade na qual a referida comunidade está inserida.

Inicialmente o município recebeu a denominação 'Cascavel' e, posteriormente, foi elevada à categoria de município com denominação de São Bento, pela lei estadual nº 2073, de 29 de abril de 1959. Localizada na microrregião de Catolé do Rocha, de acordo com dados levantados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população no ano de 2010 era de 30.879 habitantes distribuídos em uma área territorial de 248 Km<sup>2</sup>.

São Bento também é conhecida como "A Capital Mundial da Rede". Tal título é decorrente do fato do município ser um grande produtor de rede, atividade esta que movimenta a economia local, pois além de proporcionar emprego para os nativos, também contribui promovendo trabalho para aqueles que se deslocam do interior para as demais localidades do país, mas especificamente a região Sul e Sudeste do Brasil, e até mesmo para o exterior, sendo estes trabalhadores denominados 'corretores'.

É neste contexto que esta inserida "Barra de Cima", que na década de quarenta recebeu a denominação de "Ribeira", uma comunidade rural do sertão paraibano, localizada há 9 km do centro da cidade de São Bento, interligada a mesma por meio de estrada de barro.

A distância, porém, não é vista pelos habitantes como um aspecto negativo, tendo em vista que se deslocam com frequência e de forma rápida até o centro da cidade.

As primeiras famílias a habitarem nessa comunidade foram: Junqueira, que veio do Junco perto de Jardim de Piranhas – RN, e Moreira que veio do Sítio Piedade, do mesmo município. Mais tarde apareceu a família Elias. Atualmente a comunidade tem cerca de três mil habitantes, com três representantes na Câmara Municipal.

E atualmente, mais especificamente no dia 10 de Junho de 2013, Barra de Cima foi sancionada Distrito de São Bento, em conformidade com o artigo primeiro da Lei N° 589/2013<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> SÃO BENTO. **Lei N° 589/2013 de 10 de junho de 2013.** Cria o Distrito de Barra de Cima Deste Município e dá Providências. 2013

## 4 RESULTADOS

Como visto anteriormente, existe em Barra de Cima 235 (duzentos e trinta e cinco) jovens com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte nove) anos. Devido a grande quantidade de pessoas jovens na comunidade fizemos dois recortes dessa margem. O primeiro recorte foi incorporar apenas os jovens de 15 (quinze) à 18 (dezoito) anos de idade, e que estejam cursando o ensino médio, e este foi o segundo recorte.

Em se tratando do idoso, suas contribuições evidenciadas no Projeto “Barra de Cima: Um estudo etnolinguístico de uma comunidade rural do sertão paraibano” serão comparadas com as dos jovens na seção da discussão.

### 4.1 Pesquisa realizada com os idosos no PIBIC

Como exposto anteriormente, o universo inicial desta pesquisa compreende os noventa e um idosos moradores e falantes da comunidade de Barra de Cima. Através da aplicação de questionários semi-estruturados foi possível se obter o perfil sócio-demográfico destes, de modo que deste total, 49,5% são do sexo masculino e 50.5% do sexo feminino.

#### **SEXO:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Masculino	45	49,5
Feminino	46	50,5
<b>TOTAL</b>	91	100

Cumpramos registrar que os fatores biológicos não interferem na maneira de se praticar a linguagem/cultura, pois, como mostra Laraia (1986, p. 19), “a espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual,

mas é falso que as diferenças de comportamento existente entre as pessoas [...] sejam determinadas biologicamente”.

Então, não cabe ao pesquisador analisar um grupo utilizando-se do determinismo biológico. Neste caso, o que lhe cabe é analisar um hábito cultural a partir do sistema a que o mesmo pertence (LARAIA, 1986).

Já com relação à distribuição da idade destes idosos têm-se que 54,9% deles tem de 60 a 70 anos; 35,1% tem entre 71 e 80 anos; 8,7% deles tem entre 81 e 90 anos e apenas 1% tem mais de 90 anos de idade, conforme tabela abaixo:

**IDADE:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
60 a 70 anos	50	54,9
71 a 80 anos	32	35,1
81 a 90 anos	8	8,7
Mais de 90 anos	1	1,0
<b>TOTAL</b>	91	100

Para Bagno (2003), há pessoas que falam de modo diferente por serem de outras cidades ou de outras regiões do país, ou por terem idade diferente da nossa, ou por fazerem parte de um grupo ou classe social diferentes. O que se observa é que, na comunidade, não há diferenças no que tange a prática da língua entre moradores de idades diferentes, de modo que tanto os idosos quanto os mais jovens praticam a língua segundo o mesmo modelo linguísticocultural.

No que diz respeito ao estado civil, verificou-se que:

**ESTADO CIVIL:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Solteiro (a)	4	4,3
Casado (a)	55	60,4
Viúvo (a)	25	27,4
Divorciado (a)	0	0,0
Outros <sup>10</sup>	7	7,6
<b>TOTAL</b>	<b>91</b>	<b>100</b>

Percebe-se que na comunidade a união tradicional é aquela realizada frente aos costumes da Religião Católica, concretizada com a benção do Padre. No entanto, ainda que formando uma pequena minoria, ainda verifica-se a existência de uniões conhecidas como “amancebo” referentes aos casamentos sem a cerimônia tradicional.

É importante, neste caso, salientar que os costumes de uma comunidade se evidenciam pelas práticas sociais encontradas em meio ao seu âmbito de convívio social, nas quais o modelo de união também faz parte dos costumes culturais de um lugar.

Por sua vez, com relação ao número de filhos que cada idoso tem, averiguou-se que:

**NÚMERO DE FILHOS:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Nenhum	6	6,5
1 a 5 filhos	47	51,6
6 a 10 filhos	30	32,9
Mais de 10 filhos	8	8,7
<b>TOTAL</b>	<b>91</b>	<b>100</b>

Desse modo, registra-se que, no passado, era de costume na comunidade as famílias possuírem em seu seio vários filhos. Por outro lado, durante o período da

<sup>10</sup> A categoria “Outros”, aqui, refere-se em sua totalidade a casos de Uniões Estáveis.

observação, foi possível evidenciar que esta prática assim não se conserva no presente.

Entre os idosos que têm filhos apenas dois deles não têm nenhum filho que more em Barra de Cima, o que evidencia uma tendência a nascer e se fixar na comunidade. Durante a observação participante, bem como durante a realização das entrevistas, percebeu-se que as pessoas demonstram disposição e satisfação por se fixar na comunidade. Isto, segundo os próprios moradores, se deve ao fato da sua população local ser em geral constituída pelas famílias genesíacas (ou fundadoras) nela instaladas. Tal fator é colocado como importante na construção da cultura local e conseqüentemente da identidade de seus participantes.

Quanto ao nível de escolaridade da população estudada constatou-se que:

### **ESCOLARIDADE:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Analfabeto/Ensino Fundamental Menor Completo	89	97,8
Ensino Fundamental Maior	1	1,0
Ensino Médio Completo	1	1,0
Ensino Superior	0	0,0
Outra	0	0,0
<b>TOTAL</b>	91	100

Estes números retratam a realidade histórica da comunidade. De acordo com o relato dos idosos, a escolarização de quatro décadas atrás, pela qual passaram os habitantes de Barra de Cima, foi marcada por muitas dificuldades, haja vista a falta de recursos e a sua localização na zona rural. Essas aulas eram realizadas quando um professor (ou alguém que sabia ler e escrever) vinha passar algum tempo na casa de alguém conhecido e organizava algumas turmas de alunos para “ensinar” a cartilha do ABC e para condicioná-los a escreverem seus próprios nomes. Neste sentido, vale ressaltar que, conforme Oliveira (1995, p. 148-149):

O modo de inserção dos membros dos grupos “poucos letrados” na sociedade tem a marca da exclusão, [...] Os sujeitos menos escolarizados e envolvidos em atividades de agricultura tradicional, [...] tendiam a operar do modo [...], “gráfico-funcional”.

Como colocado anteriormente a comunidade é, em sua maioria, Católica isto se confirma através dos dados da tabela abaixo:

### **RELIGIÃO:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Católica	88	97,8
Protestante	3	3,2
Outra	0	0,0
<b>TOTAL</b>	91	100

Visto a diferença, cabe dizer que a predominância pelo Catolicismo entre os idosos é estendida a toda a comunidade, de modo que é possível afirmar que esta é predominantemente Católica, e observa, em sua maior parte, as práticas tradicionais da Igreja: a maioria dos moradores está presente na Igreja nos dias “grandes”(que são datas religiosas nas quais a comunidade quase que por inteiro se encontra nas missas), nos encontros e caminhadas religiosas, participam ativamente das atividades em torno, por exemplo, da Semana Santa, onde todos os dias tem pregações, missas e caminhadas pelas ruas da comunidade em observância ao costume católico, e no Sábado de Aleluia acontece uma festa no Clube existente na comunidade, onde uma banda musical conhecida regionalmente é contratada para tocar, sendo a festa muito conhecida e popular entre os habitantes da comunidade e de seu entorno, que se deslocam para tal festejo.

No que se refere à profissão, notaram-se os seguintes dados:

**PROFISSÃO:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Agricultor (a)/Proprietário	35	38,4
Agricultor (a)/Empregado	7	7,6
Funcionário (a) Público (a)	2	2,1
Aposentado (a)	10	10,9
Outra <sup>11</sup>	37	40,6
<b>TOTAL</b>	<b>91</b>	<b>100</b>

A comunidade tem como atividades econômicas mais relevantes o trabalho agrícola e em maior escala a confecção de redes de dormir, tal qual acontece na cidade de São Bento.

Borba (2006, p. 211-213), postula como se desenvolveu a atividade do trabalho com redes na Paraíba e em São Bento, e sua importância financeira no mercado nacional:

Os primeiros trabalhos de tecelagem, introduzidos na Paraíba, foram desenvolvidos pelos nativos e deles resultou a principal influência, posteriormente miscigenada, com as culturas do período colonial, sobretudo com a cultura africana.

Com o passar dos anos, a evolução [...] de melhores técnicas, criou um instrumento adequado, para auxiliar de maneira mais rápida, a confecção de peças [...]. Este instrumento denominou-se de tear, [...] foi dotado de maior potência, tornando-se de uso industrial. Todavia, os teares manuais

[...] ainda persistem, destinados apenas aos trabalhos artesanais. Dentre os municípios que trabalham com tecelagem, [...], no brejo, notadamente [...], as cidades de São Bento e Catolé do Rocha.

[...] Hoje em dia, o mercado dessas redes, além de assegurado em todo território nacional, ultrapassa as fronteiras do país, atingindo a América Latina [...]. A cidade de São Bento detém o maior pólo produtor de redes, e, conseqüentemente o menor índice de desemprego do Brasil, segundo informações de especialistas no assunto.

Devido essa atividade comercial, muitas pessoas de Barra de Cima têm contato com os habitantes da cidade, como foi possível perceber durante o período da observação. Tendo em vista que a língua é uma construção, que se realiza mediante fatores externos e internos, logo, é factível pensa que a relação entre

<sup>11</sup> Na categoria “Outra” destacam-se profissões como: parteira, costureira, motorista. No entanto, alocados nesta categoria existem 34 “redeiros”, que são artesãos (ãs) que produzem redes (atividade típica da cidade de São Bento, como já mencionado aqui).

os moradores de Barra de Cima e os da cidade de São Bento e adjacências levaria um ou outro a adquirir “maneiras” de linguagem próxima, no entanto, não é isso que no relato dos idosos acontece, como será discutido a seguir.

Conseqüentemente, com relação à renda percebida pela população estudada, registrou-se que:

**RENDA:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Até 1 salário mínimo	38	41,7
De 1 a 5 salários mínimos	53	58,2
Mais de 5 salários	0	0,0
<b>TOTAL</b>	91	100

Sendo conhecidas também por serem pessoas de muita força de vontade e trabalhadores competentes, como observado, os idosos sentem-se orgulhosos por suas conquistas pessoais.

Aqui, cabe colocar que a linguagem culta é prestigiada pela “alta” sociedade, e criam-se mitos os quais defendem a elevação de status e a elevação econômica através da utilização dessa linguagem, empregada como “A” forma de comunicação correta. Em muito se tem confundido a língua padrão como única, porém por trás desta confusão escondem-se as intenções de superioridade de classes tendo em vista a maneira como esta tenta definir o que deva ser o padrão em termos de uso da língua.

Conforme May (2006), tais definições são feitas por razões históricas, por convenções sociais, que determinam o que representa ou não o falar mais aceito. Portanto, não é devido classificar grupos pela linguagem que utilizam, de modo que se pode afirmar que não deve ser o caso a comunidade de Barra de Cima.

Ao serem questionados sobre qual a sua “cor”, os idosos responderam que se identificam assim:

**COR/ETNIA:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Branca	18	19,7
Negra	0	0,0
Parda	5	5,4
Outra <sup>12</sup>	68	74,7
<b>TOTAL</b>	<b>91</b>	<b>100</b>

Desse modo, cabe salientar que a identidade étnica perpassa pela significação do pertencer, ou melhor, se reconhecer em um grupo étnico é uma das formas como indivíduo se distingue como tal dentro de uma comunidade/sociedade. May (2006, p. 81) postula que:

“A língua nos fortalece”, diz Gunnar Halldorsson, professor de islandês na Universidade de Reykjavik; “ela nos torna um povo de muitos milhões – somados através dos séculos” [...] Através dessas palavras, um elo muito forte é criado [...] entre a nação e sua identidade (histórica e lingüística), – não só no tempo presente, mas também em relação ao povo dos séculos passados e a língua comum.

No campo de pesquisa essa distinção étnica entre os interlocutores pouco é notada fenotipicamente, pois a distinção acontece mesmo no momento da elocução em si, na medida em que a forma como praticam a língua lhes confere um sinal diacrítico: eles são “Moreira”. Eles são conhecidos por “Moreira”, e são atribuídas características preconceituosas a eles, como por exemplo: a maneira de falar (“falam cantando”), a forma de se vestir (“roupas ‘amoreiradas’ são as de tons fortes, principalmente o vermelho”), o gosto por jóias (“o dourado é algo sempre presente neles, por isso na cidade muita gente diz conhecer

<sup>12</sup> Nesta categoria encontram-se indivíduos que se identificam como “morenos”, preponderantemente, assim como alguns se identificam como “alvos”, “pretos”, “galegos”, “cor de canela” e “caramelo”.

um 'Moreira' de longe, e quando se pergunta o porquê, eles respondem: "olha a grossura do cordão de ouro!"), e são tidos como invejosos ("se um comprar uma coisa os outros vão lá e compram também, mas só serve se for do mesmo jeito, cor e tamanho"), curiosos, desconfiados e regateadores.

Quando questionados sobre o que gostam de fazer nas horas vagas, os informantes afirmaram que gostam de descansar, de visitar os vizinhos, de assistir televisão, de rezar. Sendo assim, com a idade que apresentam, os informantes afirmam gostar de levar uma vida "pacata".

Sobre os espaços de lazer frequentados por eles, preponderantemente os idosos afirmaram que o espaço de lazer que costumam ir é a Igreja, haja visto que a maioria deles segue a religião Católica. E no tocante a naturalidade, dos noventa e um informantes, um total de sessenta e seis nasceu em Barra de Cima. Os demais nasceram em outras localidades próximas, tais como Serra Negra (RN).

Vale ressaltar que eles consideram Barra de Cima como um "local em si", ou seja, eles a veem como "cidade", uma vez que até "bairros" eles afirmam existir na comunidade. Todos os que aí nasceram, permaneceram até os dias atuais. Os que são naturais de outras localidades moram em Barra de Cima há quarenta e cinco anos em média.

Dos noventa e um informantes, apenas quatro moram sozinhos. Os demais moram com, pelo menos, mais duas pessoas na casa: seu cônjuge e mais um familiar. E quando indagados sobre a passagem de ciganos pela comunidade<sup>13</sup> e sobre a relação destes com os Moreira, apenas dois idosos afirmaram ter tido contato com os primeiros em Barra de Cima, mas estes não admitem ter descendentes de ciganos em sua família. Os demais informantes além de não ter descendentes, não se mostraram simpáticos ao contato com os ciganos.

Alegaram ainda que as primeiras famílias a habitarem nesta comunidade foram: os Junqueira, que vieram do Junco perto de Jardim de Piranhas – RN, Moreira que veio do sítio Piedade, do mesmo município e a família Elias, a qual a origem é desconhecida.

---

<sup>13</sup> Fato que interfere sobremaneira no modo como os interlocutores articulam seus discursos explicativos sobre a prática da língua em Barra de Cima e que será mais detidamente tratado a seguir.

Este trabalho atenta para o fato de que, na comunidade rural de Barra de Cima no município de São Bento PB, seus moradores manifestam, em sua convivência, certos conflitos, tanto internos quanto externos, por causa do seu modo de falar, que é visto, como “diferente”, por vezes até “exótico”, tanto pelos indivíduos pertencentes às outras localidades do centro urbano como as comunidades ao redor da localidade em questão.

Barra de Cima distingue-se pelas características locais como costumes, modos e, principalmente, sua linguagem. Esse “povo” também conhecido como “Moreira” por se tratar do nome de uma das primeiras famílias a ocuparem a comunidade, é alvo de preconceitos, pois a forma de falar os diferencia de outras comunidades, chegando a gerar atritos, que vêm a reforçar os atos de discriminação.

#### 4.2 A Pesquisa com os Jovens

Após os recortes anteriormente mencionados, ficamos com uma margem de 31 (trinta e um) informantes juvenis, os quais são o nosso outro universo de falantes da comunidade em questão. Com a aplicação de questionários semi-estruturados foi possível se obter o perfil sócio-demográfico destes, de modo que desse total, 35,5% do sexo masculino e 64,5% do sexo feminino.

##### **SEXO:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Masculino	11	35,5
Feminino	20	64,5
<b>TOTAL</b>	31	100

Sabido a falta de tenacidade teórica do determinismo biológico, não se pode definir a linguagem pelo fisiologismo da espécie humana, mas ao perceber os usos diferentes da língua no âmbito social feminino ou masculino só lhe confere a

existência de um sistema de hábitos culturais nas sociedades humanas. Laraia (1986, p.20) comprova:

O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo chamado de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

Dessa forma, ao se praticar uma língua ou linguagem refurta-se a ideia de descendência genética advinda do determinismo biológico, abrindo espaço para o estudo dos hábitos culturais.

Já com relação à idade dos jovens, temos a seguinte distribuição; são jovens de 15 (quinze) anos 25,8%; já 32,3% possuem a idade de 16 anos; estão com 17anos 22,6% jovens; e 19,3 % deles têm 18 anos, vide abaixo:

**IDADE:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
15 anos	8	25,8
16 anos	10	32,3
17 anos	7	22,6
18 anos	6	19,3
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

A idade é um dos muitos fatores pelo qual a variação linguística se exprime, assim como as diferenças regionais, culturais, históricas e sociais de cada grupo humano. Em Barra de Cima se nota entre os jovens a prática da linguagem característica do lugar, não havendo diferenças tão marcadas com relação a idade dos seus moradores.

Com relação ao estado civil na faixa etária trabalhada, encontramos:

**ESTADO CIVIL:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Solteiro (a)	26	83,9
Casado (a)	3	9,7
Outros <sup>14</sup>	2	6,4
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

A ocorrência de 83,9 % de jovens solteiros é maior à dos casados de 9,7% e verificamos ainda uma margem de 6,4% de uniões estáveis. A juventude encontrada na comunidade sente-se responsável por seguir as tradições do lugar, as uniões quando realizadas são celebradas pela Instituição Católica religião predominante no local de forma geral.

Por sua vez, todos os casais encontrados não possuem filhos. A partir desse dado percebemos uma mudança de costumes nas novas famílias, se comparadas as tradicionais que possuíam vários filhos, percebe-se que a decisão de ter um filho agora passa por um planejamento maior.

E com relação a religião dos jovens temos o seguinte quadro:

**RELIGIÃO:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Católico (a)	29	93,5
Não tem	2	6,5
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

É notável a preferência dos jovens pela religião Católica: 93,5% se dizem católicos, e 6,5% não tem religião definida. Mesmo havendo uma instituição evangélica, ela não foi citada. Mas isso se deve às tradições locais que comungam das práticas católicas: por exemplo, na Semana Santa os moradores se envolvem totalmente nos ritos religiosos fazendo caminhadas, pregações e missas pelas ruas da comunidade. E no Sábado de Aleluia há uma festa muito conhecida por todas as cidades vizinhas no clube da comunidade, com bandas de forró regionalmente conhecidas.

<sup>14</sup> A categoria "Outros", aqui, refere-se em sua totalidade a casos de Uniões Estáveis.

Esse dado representa a difusão na vida religiosa na contemporaneidade, foi perguntado ainda:

**PARTICIPA DE ALGUM GRUPO FORMADO POR JOVENS DA COMUNIDADE OU MESMO DE OUTROS LUGARES:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Não	13	41,9
Sim	18	58,1
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

Conforme Novaes e Mello *apud* Fonseca e Novais (2007, p. 147) “A participação em grupos religiosos, portanto, pode ser analisada como um importante vetor para a construção de identidades juvenis, representando espaço importante de agregação social nessa fase de vida.” O observado é que 58,1% dos jovens responderam sim, participavam, e 41% não faz parte desses grupos.

Quando perguntados sobre de qual ou quais grupos participavam as respostas são as seguintes:

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
EJC <sup>15</sup>	8	25,8
JUF <sup>16</sup>	10	32,3
Não responderam	13	41,9
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

Os dois grupos citados acima são da Igreja Católica, reforçando assim tanto o espaço da Instituição em Barra de Cima, como o espaço ofertado ao sujeito mais jovem dentro da Igreja. Meio de atrair mais jovens a participar de grupos assim. Groppo (2000, p.41-42) fala: “Entrar para um grupo [...] significa para um indivíduo uma considerável e desejada extensão de suas relações com outros indivíduos e a possibilidade de participação plena em outras esferas sociais além da família.” É um meio de agir e ser notado socialmente, é um conjunto de sujeitos que buscam se identificar pela identificação social do grupo.

<sup>15</sup> EJC (Encontro de Jovens com Cristo) é um grupo de jovens da igreja católica da cidade de São Bento.

<sup>16</sup> JUF (Jovens Unidos pela Fé) é um grupo de jovens da igreja católica da comunidade Barra de Cima.

Quanto ao nível de escolaridade da população estudada observou-se que:

**ESCOLARIDADE:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
1º ano	16	51,6
2º ano	8	25,8
3º ano	7	22,6
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

A classe jovem está com mais facilidade de acesso à educação, diferente de como era antes. O jovem da mesma comunidade passava por muitas dificuldades para aprender pois não havia escola nem professores, só quando algum professor se disponibilizava ir para a comunidade, e as aulas eram ministradas na casa de um dos moradores.

Os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que enfrentou também têm influência em seu próprio repertório sociolinguístico. Observe que esses fatores estão intimamente ligados ao *status* socioeconômico, na sociedade brasileira. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48) (grifo da autora)

Desde há duas décadas, a educação em Barra de Cima melhorou muito, existe a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Maria de Lourdes Elias Dantas, que fornece a população das séries iniciais até o quinto ano, e a prefeitura disponibiliza ônibus para São Bento nos três turnos diários de aula, para aqueles que querem continuar seus estudos.

Com relação à elucidação de Bortoni supracitada, podemos observar que apesar de os jovens do referido Distrito terem acesso a boas escolas, não conseguem se desvincular do preconceito social existente contra seu jeito de falar, e muitas vezes são discriminados pelos próprios colegas de turma.

No que se refere à relação entre estudo e trabalho, notaram-se os seguintes dados:

**OCUPAÇÃO:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Apenas estudo	12	38,7
Estudo e trabalho	19	61,3
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

O povo de Barra de Cima é conhecido também por trabalhar muito, havendo uma cultura de trabalho voltada para a produção de redes. Cultura que se reflete no comportamento dos jovens, os quais estudam e trabalham para ter sua independência financeira. Esse fator é bom por implantar no sujeito a vontade de ser independente de seus pais. O aspecto negativo desta realidade é o de que muitos desistem de estudar por encontrar no trabalho uma maneira “mais rápida” de alcançar seus objetivos financeiramente do que em relação aos estudos.

Entre os que responderam fazer seus estudos concomitantes ao trabalho foram observados as seguintes ocupações:

**TRABALHO**<sup>17</sup>:

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Feitor (a) de redes	13	41,9
Outros <sup>18</sup>	6	19,4
<b>TOTAL</b>	<b>19</b>	<b>61,3</b>

O trabalho sempre foi importante para o ser humano, pois ao mesmo tempo “produzem seus meios de vida, [...] criam a própria identidade, por meio dos objetos que produziram” (BOGO, 2008, p.36-37). E no tocante a produção de redes nessa região, é mais do que criar meios de ganhar dinheiro, é um fazer cultural e identitário do povo são-bentense, incluindo principalmente a comunidade em questão, pois é de onde sai a maior produção de redes da cidade de São Bento. Fator econômico que confere a interação constante entre as pessoas da comunidade de fala citada com as pessoas da cidade de São Bento, interação essa que levaria uns e outros a aproximarem-se linguisticamente, mas, no entanto, ocorre o inverso, como será melhor discutido a seguir.

<sup>17</sup> Trabalhos dos 19 informantes que responderam “estudo e trabalho”.

<sup>18</sup> A categoria “Outros”, aqui, refere-se aos trabalhos de agricultor, tecedor, garçom, doméstica, lojista e estoquista de mercadinho.

Quando perguntados por sua “cor”, os jovens responderam que se identificam assim:

**COR:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Branca	6	19,4
Negra	2	6,5
Parda	16	51,6
Outros <sup>19</sup>	7	22,6
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

A característica étnica do povo de Barra de Cima não é evidenciada fenotipicamente, e sim, quando da interação, e é essa variação linguística o motivo de toda estigmatização pela qual passa o povo dessa comunidade. Pejorativamente são chamados de “Moreira”, e a esse termo são associados vários estereótipos, como o de falar cantando, gostar de roupas de tons fortes, como o vermelho, gostarem de usar muito ouro, por serem invejosos (quando um compra uma coisa os outros vão comprar também), curiosos e por serem pechincheiros.

Quando perguntados o que gostam de fazer nas horas vagas, os informantes afirmaram gostar de estudar, ler livros, jogar bola, passear, acessar a internet, se divertir com os amigos, assistir TV e dormir. Sendo recorrente os jovens afirmarem que suas horas vagas eram mais frequentes nos finais de semana.

Quando perguntados se costumam assistir TV, todos responderam sim. E os programas televisivos mais assistidos pelos jovens de Barra de Cima são novelas, desenhos, jogos de futebol, jornais, filmes e houve ainda uma grande recorrência de jovens que disseram assistir a rede de televisão Canção Nova<sup>20</sup>.

Quando indagados pelos espaços de lazer que frequentam, obtivemos as seguintes respostas:

<sup>19</sup> A categoria “Outros”, aqui, refere-se aos informantes que se identificaram como “galego (a)” e/ou “moreno (a)”.

<sup>20</sup> Rede televisiva da comunidade católica Canção Nova, de programação religiosa.

### **ESPAÇOS DE LAZER QUE FREQUENTA:**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Praça	20	64,5
Clube	1	3,2
Ginásio	5	16,1
Não responderam	2	6,5
Outros <sup>21</sup>	3	9,7
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

O gosto por praças pela maioria dos jovens, revela uma satisfação pela conversa pessoal entre amigos, sem deixar de observar a recorrência do uso da interação via meios de comunicação, em observância da maioria afirmar ter acesso à internet, como mostra o quadro abaixo:

### **TEM COMPUTADOR COM INTERNET EM CASA**

	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
Sim, e acesso todo dia	6	19,4
Sim, acesso poucas vezes	9	29
Não tenho computador, mas tenho acesso a internet	7	22,6
Não, e não tenho acesso a internet	9	29
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100</b>

Muitos deles possuem amizade com pessoas de fora da comunidade, influências dos múltiplos contatos os quais o jovem tem disponível em seus âmbitos de amizades, sejam de lugares reais como as praças, ginásios, o rio, seja pelas redes sociais de comunicação. O jovem de Barra de Cima está totalmente interado tecnológica e informacionalmente dos acontecimentos sociais. Mas quando perguntado se eles sabiam a história da comunidade, poucos afirmaram ter ouvido falar que os ciganos haviam passado pelo lugar, mas não conheciam a história.

Vale resaltar que eles consideram Barra de Cima uma cidade. Como visto durante a observação participante, eles dividiram e identificaram até bairros para

<sup>21</sup> A categoria “Outros”, corresponde as respostas “rio” e “as casas dos amigos”.

comunidade. Dos 31 (trinta e um) informantes, 4 (quatro) não são naturais de Barra de Cima, vindos um de Jucurutu –RN, outro de Messias Targino –RN, um de Jardim de Piranhas –RN e mais um outro de Manaus –AM, mas moram no Distrito há mais de cinco anos

## 5 DISCUSSÃO

Através dos dados colocados anteriormente é possível evidenciar o perfil sócio-demográfico da população estudada, os quais lançam luz sobre questões que dizem respeito a questão que aqui pretende ser desvendada, qual seja: entender o que é, em Barra de Cima, falar “Moreira” (tomando isto como uma variedade linguística local), assim como perceber quais os fatores condicionantes desta forma de praticar a língua entre os idosos e os jovens .

Cabe ainda articular que em se tratando de Barra de Cima, esta é reconhecida por seus costumes, atitudes e, acima de tudo, sua linguagem, cuja origem vem de seus primeiros habitantes, e devido a isso, seus moradores são conhecidos como “Moreira”, nome de uma das primeiras famílias a se instalarem na comunidade. A expressão “Moreira” é por vezes atribuída pejorativamente aos moradores da referida comunidade por causa da linguagem “diferente” a qual praticam termo que marca um preconceito fundamentado na variedade linguística e cultural de Barra de Cima, o qual é muito arraigado socialmente nas comunidades e cidades circunvizinhas, ao ponto de gerar atritos, vindo reforçar ainda mais os atos de discriminação. É necessário, então, denunciar essa realidade, buscar revelar a importância da linguagem tradicional para a comunidade é uma forma a vir defender seus costumes linguísticos, torná-los motivo de orgulho visto que a língua preserva a história e a identidade de seu povo.

### 5.1 O idoso

Como já colocado aqui anteriormente, há para com *os que falam Moreira*, um preconceito. Como coloca uma idosa:

“Porque assim, minha filha a gente não diz diretamente não, né? (risos) a gente não diz diretamente, mas eu nunca gostei **daquela fala** [a “amoreirada”] e até as crianças, mas tem gente de idade que ainda tem essa fala assim puxada, eu não gosto, não.” (Grifo das autoras) (INFORMANTE I 1<sup>22</sup>)

Percebe-se que o uso que é feito neste discurso da expressão “daquela fala” serve para demarcar um lugar social, o lugar do Outro. Neste caso, o Outro, enquanto diferente, é evitado por apresentar características diferentes daquelas existentes no mundo do Eu, mesmo que este evitamento se dê de forma velada, já que “não se diz diretamente”, muito ao gosto das práticas “politicamente corretas”. Assim, continua a relatar a informante citada acima:

“Eu converso com eles, tudinho, eles eram muito aqui da minha casa, que eu trabalhava, aí eles vinham com as costuras para eu fazer, eu recebia bem todo mundo, agora eu falava no meu modo que eu falo, assim a minha voz toda vida foi essa, aí eu conversa com elas, tudinho, **elas com aquele jeito puxado bem assim, mas eu nem me incomodava. Não me incomodava, mão não gostava, mas eu precisava** (...) Eu sou uma pessoa, assim, não gosto de discriminar, sou pobre, mas toda vida soube muito me corrigir, eu morava aqui no meio desse povo, mas eu chegava em São Bento, que todo mundo me conhecia e o povo dizia: ei, mulher, e aí você gosta de lá, porque aquele povo é bem diferente?! Não, na minha casa recebo todo mundo que chega, graças a Deus, eu recebo todo mundo como eu sou e eles já são mais diferentes, pronto, tudo bem, mas não tem nada, na Barra de Cima eu gosto de todo mundo, só não gosto dessa fala puxada, arrastada.” (Grifo das autoras) (INFORMANTE I 1)

O que se pode aqui depreender é que, a informante, por ter exercido antes de se aposentar uma atividade profissional que demanda o contato com o público em geral, apresenta uma postura de “necessária tolerância” para com quem na comunidade fala de modo amoreirado. Postura esta que em nada diminui e/ou atenua o preconceito.

---

<sup>22</sup> Aqui, por questões de ética, os informantes não serão identificados nominalmente, e sim, através de códigos. Os informantes idosos vão ser identificados pela letra “I”, e os informantes jovens, pela letra “J”.

Além disso, o preconceito não é apenas de quem mora fora da comunidade, como também de alguns habitantes dela, que se recusam a falar, ou se comportar de acordo com o costume de lá.

De acordo com a observação participante feita e com os dados coletados através dos questionários e entrevistas, isto acontece como meio de evitar ser reconhecido como “Moreira”, algo que para alguns é um “insulto”. Portanto, a idéia da superioridade linguística é tão perversa quanto à da superioridade de etnia, cor, de cultura e de religião.

Quando da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas, percebeu-se que muitas vezes no discurso dos interlocutores está internalizado um preconceito contra os Moreira, estando este atrelado a influência que um grupo de ciganos que outrora passou pela idade teria, pelo menos no nível discursivo, exercido sobre a maneira de falar dos habitantes da Barra de Cima na época, fato este que perduraria até hoje e teria, então, definido o modo Moreira de praticar a língua.

Este discurso permeia o imaginário dos moradores da comunidade, mas não somente o deles. Aqueles que, não Região, conhecem ou já ouviram falar da comunidade reproduzem este mesmo discurso, ainda que não conheçam os Moreira e, menos ainda, tenham conhecido os tais ciganos.

“O povo daqui diz que esses Moreira são de um lugar chamado Barro, perto de Jardim de Piranhas e aí essa família veio para aqui e diz que eles já tinham coisa com os ciganos, um contato ou era parente de cigano, por causa da fala e ainda hoje eles puxam a fala.” (INFORMANTE I 1)

“Aqui mesmo o povo tem esses Moreira que falam arrastado, **mas é esse povo aí, certo?** Muitos deles por causa dos ciganos, dos Moreira também, tem deles que falam também”. (Grifo das autoras) (INFORMANTE I 6)

Desse modo, ao referir-se aos Moreira como “esse povo aí”, ou seja, são os de “lá”, de um lugar social outro, o informante acima citado está colocando em prática algo muito recorrente na história do mundo: a etnocêntrica concepção de que

o “grupo do eu” é mais elevado, desenvolvido do que “o grupo do outro”. Como propõe Laraia (1986):

O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro da sociedade. [...]Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais. ( p.78)

Ressalte-se ainda aqui que, nos relatos dos idosos, os ciganos aparecem sempre através de referências negativas, tais como:

“Ave Maria, conheci demais [os ciganos], eu tinha era medo (risos).”  
(INFORMANTE I 4)

“Quando eles [os ciganos] estavam por aqui o que eles faziam era botar o milho no chão para pegar as galinhas e levar, roubar. Só posso dizer o que eu vejo. É. Eu digo o que eu vejo.” (INFORMANTE I 5)

“Os ciganos viviam trocando e as mulheres nas casas pedindo. Uma vez eu estava trabalhando no cercado e tinha um caldeirão bem grande, aí eles carregaram o caldeirão, daí eu fui bater na barraca, eu trabalhava com o proprietário, aí o que eles achassem fácil eles carregavam, roubavam.”  
(INFORMANTE I 6)

Portanto, em Barra de Cima, no nível do discurso sustentado pelo senso comum o ser Moreira e o falar Moreira estão relacionados com um contato com os ciganos, os quais são colocados como indivíduos de má índole, ladrões, preguiçosos, por isso, pedintes, alguém de quem se deve desconfiar. Desse modo, toda esta negatividade atribuída às imagens que se têm dos ciganos foi, por extensão, atribuída ao falar Moreira, muito embora os Moreira não sejam considerados ladrões ou a eles é imputada quaisquer das características acima mencionadas. O que parece ter persistido é certo “ranço”, certa “negatividade” que faz com que o falar Moreira seja desprestigiado ou mesmo mal visto na comunidade e em seu entorno.

De acordo com Fazito (2006), esses estereótipos atribuídos aos ciganos existem desde o final da Idade Média, principalmente na Europa Ocidental, onde, de início, estes foram vistos e recebidos com curiosidade e entusiasmo, haja visto o contexto de “renovação cultural e tecnológica” e tudo o que esta acarretava. Todavia, não tardou muito para que fossem relacionados à bruxaria, ao paganismo e ao banditismo e os boatos a este respeito foram logo espalhados por toda a Europa, difundindo, assim, os rumores de sua suposta origem herética e selvagem.

Ainda segundo o autor anteriormente citado, a história do nomadismo cigano parece mais uma história de terror, torturas e perseguições sofridas por esses grupos marginalizados, constantemente segregados e expulsos das terras por onde passam. Para Fazito (2006), o problema talvez esteja em querer encontrar no nomadismo uma “condição essencial” para a construção da identidade cigana, legitimando essa crença por meio de um discurso científico que possibilita a perpetuação de práticas discriminatórias e racistas.

Sendo assim, o referido autor propõe que se esteja atento para uma perspectiva mais fenomenológica sobre a identidade étnica dos ciganos. Para que se considere o nomadismo como um “estado de espírito” experimentado de maneira única, como algo que está além dos fatos mais concretos da vida material e que não se exprime completamente pelas ações propriamente caracterizadas da migração, pelos deslocamentos constantes e pelas viagens infundáveis. Tal perspectiva de cunho mais fenomenológico sobre o processo de construção da identidade étnica cigana estaria relacionada, por exemplo, à perspectiva teórica de Fredrik Barth<sup>23</sup>, quando este remete aos grupos étnicos e suas fronteiras.

Ainda que durante a observação e pelo o que se depurou através dos relatos dos idosos, tenha se percebido uma visão pejorativa e preconceituosa a respeito dos ciganos, também é possível identificar na cultura local muitos sinais diacríticos da cultura cigana, os quais foram ao longo do tempo incorporados e resignificados, a exemplo do grupo de quadrilha junina estilizada que existe na comunidade, que durante o São João se apresenta com roupas ditas “tipicamente ciganas”, ou ainda o

---

<sup>23</sup> Sobre a perspectiva teórica de Fredrik Barth vide POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

gosto pelas jóias de ouro, pelas roupas coloridas e “vistosas”, todos estes costumes relacionados à cultura cigana.

Cumprido colocar que, na comunidade, os Moreira são aqueles que, em sua maioria, apresentam como característica certo “exagero”, bem como se percebe dentre eles uma prática que faz com que “tudo o que um faz o outro também tem que fazer”, o que permite colocar que na comunidade existe uma forte consciência coletiva, tal qual postula Durkheim.

Segundo Aron (2002), Durkheim concebe a existência de uma consciência coletiva como uma realidade distinta do indivíduo, no sentido de que não é pessoal, não “nasce” de nós individualmente. Ela pertence a um ou outro grupo social ou à sociedade inteira e passa de geração em geração, podendo ser estudada como um fenômeno específico. No entanto, como a consciência coletiva é absorvida por cada um de nós e opera também dentro da nossa mente de forma coercitiva, ela passa a ser nossa também.

Sendo assim, na comunidade de Barra de Cima o que se verifica entre os Moreira é uma consciência coletiva que está moldada, em grande parte, por sua cultura e, neste caso, por todo este passado marcado pela passagem dos ciganos e as trocas culturais que os moradores da comunidade realizaram com estes. Assim, muitos de seus pensamentos e valores “indiscutivelmente próprios e verdadeiros” estão condicionados por este conjunto de construções culturais e visões da realidade fornecidas pela própria comunidade, o qual pode variar no tempo (épocas distintas) e no espaço (de um lugar para outro).

Outro fator importante a considerar é que, a partir dos relatos dos idosos, foi possível concluir que o modo de falar Moreira não se deve ao contato com os ciganos que outrora passaram pela Comunidade de Barra de Cima, como está posto no imaginário social. Os informantes são taxativos ao informar que assim sempre se falou na Comunidade, mesmo antes da chegada dos ciganos.

“O pessoal sempre falou assim mesmo. Desde que me conheço por gente que se fala assim, quando os ciganos vieram aqui já encontraram a gente falando assim.” (INFORMANTE I 4)

“(...) eu falo do jeito que eu nasci e me criei. Não tem nada a ver com cigano, não. Essa história o povo foi falando, falando e hoje todo mundo pensa que é assim mesmo, até quem é de fora daqui acha que é assim.” (INFORMANTE I 5)

“Essa fala é costume mesmo, né. Já vem de longe. Vem desde o tempo dos nossos antepassados, desde quando isso aqui surgiu, com os primeiros moradores.” (INFORMANTE I 6)

“É uma tradição deles, desde os antepassados, que eles falam, é muita gente mas muitos falam, puxam muito pela fala, mas é uma tradição, vem de tradição de uma descendência muito antiga já.” (INFORMANTE I 9)

Sendo assim, torna-se factível afirmar que a explicação posta no campo do imaginário coletivo de Barra de Cima e perpassada entre os moradores das localidades próximas para o modo como a língua é praticada entre os Moreira, configura-se como uma “estratégia de escudamento”, um mecanismo social e ao mesmo tempo político construído pela Comunidade em seu processo de estabelecimento enquanto tal, para responder ao preconceito linguístico ao qual é submetida.

Neste caso, os ciganos, em que pese todo o estigma que socialmente carregam como já colocado aqui anteriormente através das discussões de Fazito (2006) neste campo, são alvo, mediante esta “estratégia de escudamento”, de um duplo preconceito: o preconceito étnico e o preconceito linguístico.

Cabe aqui ressaltar que a identidade própria perpassa pela construção do ideário de si mesmo e do que seja o outro, sendo este processo de construção o mais puro resultado da intervenção dos costumes familiares, comunitários e sociais e da interação dos grupos humanos durante toda história da humanidade. A língua se mostra uma delatora de costumes, pois todas as comunidades demonstram-se diferentes “tanto em determinadas partes de suas culturas, como são reveladas e conservadas em parte de suas línguas.” (ROBINS, 1981, p.358)

O domínio natural de uma ou mais línguas é o nosso dom maior, a expressão plena da democracia e o exercício inequívoco da cidadania. Isso porque o uso da

língua é uma das marcas do processo de socialização pelo qual passamos, é uma das formas através das quais é marcado o pertencimento a um grupo, um território e é a maneira através da qual é construída até a própria identidade individual. Portanto, a ideia da superioridade linguística é tão perversa quanto à da superioridade de raça, cor, de cultura e de religião.

Sendo assim, a língua deve ser entendida como produto da cultura, pois como mostra Laraia (1986, p. 53), “(...) a comunicação é um processo cultural. [...], a linguagem humana é produto da cultura”, de modo que a identidade do indivíduo é composta pela religião, etnia, crença, entre outros valores cultivados no âmbito social ao qual ele pertence. Ao estudar-se assim a linguagem de um povo, estará pressuposto a análise de seus costumes na construção do indivíduo agente social, tal qual foi feito nesta pesquisa, seja através da observação, dos questionários e das entrevistas.

## 5.2 O Jovem

Evidenciada a visão dos idosos frente à comunidade, os jovens merecem também nossa atenção quanto ao que pensam sobre “o falar e o ser Moreira”. Vejamos então o relato de uma das informantes:

**“da fala dos Moreiras... é que isso já vem de... muito tempo... o falar de nós... comu é! Bem diferente...”** (Grifo das autoras) (INFORMANTE J 6)

A jovem quando diz: “da fala dos Moreiras”, “o falar de nós”, está posto um reconhecimento como falante da variante linguística comunitária e, como parte do povo chamado de “Moreira”. Ela reconhece a maneira diferente de falar, e esse reconhecimento confere não a uma desvalorização, mas age de maneira contrária, a diferença é sentida como algo bom, normal. Como observado nos fragmentos seguintes:

“Eu acho normal [a fala Moreira], **só que tem gente que não acha, né!**” (grifo das autoras) (INFORMANTE J 9)

“ **Muita gente critica**... acha que... por morar aqui é diferente mais... isso também eu num levo nem em conta... da minha parte eu num levo nem em conta” (grifo das autoras) (INFORMANTE J 10)

“pelo modo de falar... eu acho normal... mais só que certas pessoas parece que não gostam... **ai fica discriminando**...” (grifo das autoras) (INFORMANTE J 12)

“Há! Penso que um ((risos))... são pessoas que tem a voz diferente... faço que nem a história... é... **findaro por fazer preconceito linguístico** com eles, mais eu acho [...] é normal” (grifo das autoras) (INFORMANTE J 13)

Percebe-se entre os jovens uma atitude de aceitação quanto a variante e, a identidade subjacente a ela, atitude juvenil a qual Rector (1994, p. 28) explica que por ser “uma linguagem grupal [...] dá ao grupo uma estabilidade interna. Isto delimita os grupos e os isola dos de fora, assim como lhes dá identidade.”, ou seja, a linguagem pela qual se expressam é base para estabelecer seu lugar na sociedade e identificar seu espaço nela.

Mas, ao mesmo tempo em que acolhem a identidade linguística local, sentem a discriminação pesar contra seu modo de falar, como evidenciado nas passagens destacadas acima, quando expressam “ai fica discriminando”; “Muita gente critica”; “só que tem gente que não acha” (normal a fala dos Moreiras) e “findaro por fazer preconceito linguístico”, expõem também a condição de desprestígio social de sua variante linguística.

Durante as visitas na comunidade para a aplicação dos questionários e entrevistas era comum muitos se reportarem vítimas de preconceito, principalmente por seus colegas de escola. Desconforto denunciado nas passagens seguintes:

“Até com os colegas mesmo [...] Eles reparam assim... no modo da gente falá...” (INFORMANTE J 5)

“Sim, na escola [...] Às vezes assim... por morar aqui... eles... ficam... mangando... até mes/assim... pensando que... nós não podemos um dia chegar mais... além” (INFORMANTE J 8)

“Justamente no colégio, no colégio tem muitos alunos que tira... algum sarro... assim dizendo que [...], dizendo que agente é moreira e... não gosto! (INFORMANTE J 15)

No Brasil as variantes de maior prestígio são aquelas usadas pela elite econômica de cada região, como elucidado por Bortoni-Ricardo (2004), o que confere prestígio a uma variante é seu contexto histórico-político-social, ao se prestigiar uma linguagem rejeita-se outra, e sem ter nenhum motivo cientificamente válido a faz ser meio de exclusão social, preconceito que deve ser fortemente combatido em primeira instância na escola.

Conforme Bagno (2009, p. 39):

Numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade* cultural e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os *seres humanos que a falam*, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes. (Grifos do autor)

É primordial que a sociedade tenha conhecimento da existência das variações linguísticas, bem como o entendimento das suas causas. Diante disto é de fundamental importância a compreensão dos tipos de variação, para que se possa respeitar as diferentes situações comunicativas e os diferentes registros orais.

Os jovens, por conviver com as histórias de ciganos na comunidade, aceitam a versão de que sua comunidade e língua foram originadas por ciganos. Obtivemos dois comentários, os quais acrescentam a ideia de descendência, do povo de Barra de Cima, aos ciganos:

“**A primeira família foi a de Dona Inês descendente de cigano**, existe... que ela deixou... o jeito de falar... que é considerado como... os ciganos... que vem descendente de cigano” (Grifo das autoras) (INFORMANTE J 15).

“Já ouvi falar que tinha... parece uma passagem... tipo uma pousada e tinha uma casa aqui. Era... era... era uma antiga família bem grande, eu ouvi falar... que minha avó me conta é muito essas histórias. Que era uma família muito grande que... **vivia trabalho por’aqui** ... e se localizaram aqui, **fixaram aqui**” (Grifo das autoras) (INFORMANTE J 10)

É muito difundida na região a história da linguagem de Barra de Cima ser herança do contato com os ciganos que por lá passaram. Com a ajuda dos idosos, na pesquisa do PIBIC, pôde se desvendar a origem de Barra de Cima e se desfazer o mito dos ciganos com relação à interferência na linguagem. Porém, a imagem do cigano ainda é bem pertinente no imaginário da comunidade. Imagem que adquire significações diferentes para o jovem em relação a visão do idoso, anteriormente abordada.

Os jovens, em sua maioria, não evidenciam um preconceito contra esse grupo, constrói a figura do cigano como pessoas trabalhadoras, assim observadas pela informante “[os ciganos] vivia trabalho por’aqui” “fixaram aqui”, onde alguns gostavam de viajar, e outros encontrando condições favoráveis para sua estadia permaneceram na comunidade, como visto na colocação do outro informante “A primeira família foi a de Dona Inês descendente de cigano”. Segundo ele, foi Dona Inês que difundiu o jeito da fala dos ciganos na linguagem de Barra de Cima.

### **5.3 O ser “Moreira” pela Visão do Jovem e do idoso de Barra de Cima**

Conforme o depurado, os jovens percebem “o cigano” de forma diferente dos idosos. Isso acontece por ao longo do tempo as opiniões a respeito da cultura dos ciganos na comunidade serem incorporadas e resignificadas por uma dinâmica de gerações, ou seja, cada época ao possuir uma ideologia nova, renova também os valores sócio-culturais para uma geração de pessoas, as quais vão perceber de

maneira diferente um determinado fato, com uma visão distinta das outras gerações. Pois como explica Mannheim apud Groppo (2000, p.21):

É a possibilidade de se criarem representações e relações sociais derivadas de outras representações sociais. [...], parece distinguir [...] segundo a uma [...] potencialidade de cada momento histórico particular e de cada situação social. Uma unidade de geração possui 'grande semelhança dos dados que constituem a consciência de seus membros.

Devido à ressignificação do cigano pela juventude de Barra de Cima, há uma abertura maior à cultura e língua local, conferindo ao grupo uma identidade de resistência<sup>24</sup> aos ataques feitos contra sua tradição linguística. Como se vê no seguinte depoimento:

“muita gente diz ... “há... é moreira!... é moreira!”, mais... pra mim tanto faz... **sô Moreira e... aceito isso...** e quem não aceitar... num tem o que fazer!” (Grifo das autoras) (INFORMANTE J 10).

O preconceito se revela nessa passagem quando ela fala que “muita gente diz ‘há... é moreira!... é moreira!”, estigma associado ao jeito de falar, agir desse povo.

Bagno (2006, p.75) denuncia a existência do preconceito entre as pessoas, ao ponto de integrarem atitudes preconceituosas ao seu “modo de ser e de estar no mundo.” Gerando assim, entre muitos moradores, o sentimento de aversão à linguagem natural à comunidade, ou seja, gera uma mutilação cultural que se reflete em sua identidade. Como posto pela informante idosa:

“Aqui mesmo o povo tem esses Moreira que falam arrastado, **mas é esse povo aí, certo?** Muitos deles por causa dos ciganos, dos Moreira também, tem deles que falam também”. (Grifo das autoras) (INFORMANTE I 6)

<sup>24</sup> Vide: BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

Ao dizer “mas é esse povo aí, certo?”, evidencia que ela não se reconhece como uma falante da linguagem “Moreira”. A evidente não-aceitação observada em grande parte dos falantes mais velhos da comunidade em estudo reflete também toda uma ideologia.

O contexto sócio-cultural é preponderante não só na formação dos indivíduos, mas também pode influenciar sua postura frente a certo meio social.

Dessa sorte, o preconceito em torno da linguagem dos falantes de Barra de Cima aponta para um dos fatores que desencadearam esse conflito identitário, sobretudo entre os falantes mais idosos, como fora observado no relato supracitado.

Outro fator que se pode citar para se esclarecer a posição do idoso com relação à língua, é o que Bosi (1994) explica: o velho possui uma espécie singular de obrigação: a de lembrar. E lembrar significa relacionar o corpo presente com o corpo passado, significa evocar, dar vida a coisas que já não existem mais, significa não deixar se perder o que foi a sua própria vida.

A posição do jovem de Barra de Cima quanto à sua identidade comunitária e conseqüentemente linguística pode ser explicada a partir da arguição de Groppo (2000, p.17):

Jovens pertencentes a uma classe social ou etnia marginalizada podem criar uma identidade juvenil calcada no reconhecimento e até na explicitação de sua diferença, num gesto inesperado diante do processo que gerou o direito à juventude mais tardiamente para as classes populares e etnias marginalizadas. [...]

Por fim, contemporaneamente, parece ser um traço marcante das vivências juvenis a formação de grupos concretos que constroem identidades juvenis diferenciadas de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive nos casos em que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade.

Assim fica concluso, que as diferenças notadas em campo de pesquisa, entre a linguagem utilizada pelos idosos e a usual entre os jovens, bem como o perceber-se como parte do povo Moreira, são conseqüências do contexto político-histórico-

social pelo qual cada geração foi influenciada, os idosos vivendo em um época regida por costumes mais tradicionais, tendo como referência o costume da elite brasileira, por tanto havendo uma maior incidência de costumes etnocêntricos, e os jovens vivendo no contexto moderno do tempo atual, qual o mesmo há uma política de inclusão das diferenças, tornando-se mais aberto ao combate do etnocentrismo da elite, o que não significa que não exista etnocentrismo, mas tal questão é melhor debatida e tratada em sociedade.

## 6 CONCLUSÃO

O homem apreende a “ser” em sua identidade no contato com a cultura da sociedade na qual está inserido. É na prática interativa entre os membros dos mais variados grupos, que a humanidade faz e refaz sua gama de saberes, valores, e culturas. O ser humano aprende a ser social desde o primeiro contato com o seio familiar e posteriormente com o contato comunitário. A cultura, por sua vez, lhe é um bem conquistado nessa interação sócio-histórica e política, na qual lhe será base para a constituição da identidade individual e coletiva.

A língua é um bem das sociedades humanas, o processo comunicacional dá base e assegura a transmissão dos saberes, e expressão de sentimentos e idéias, necessária a percepção da inter-relação sujeito-cultura-linguagem para se compreender as escolhas linguísticas feitas pelas comunidades humanas. No nosso estudo em Barra de Cima, percebemos uma rejeição no meio social, quanto à língua materna da comunidade, preconceito que gera discriminação contra os moradores da comunidade, por seu modo de falar.

É por existir privilégios mais a determinada variedade linguística, que outra passa a ser estigmatizada e desprestigiada no meio social, e conseqüentemente as pessoas que a utilizam. Isso ocorre por as variantes ditas “corretas”, “bonitas” ou “prestigiadas” serem aquelas utilizadas pela elite da sociedade para expressar uma forma de impor seu poder.

No presente estudo buscou-se compreender como o modo de praticar a “fala Moreira” contribui para a construção das identidades jovens e idosas de Barra de Cima. Visto que sua linguagem era associada a influência dos ciganos os quais passaram pelo hoje Distrito, sendo constatada no projeto do PIBIC realizado com os idosos a falsa “herança” deixada pelo grupo cigano, refletindo uma estratégia de escudamento no enfrentamento do preconceito linguístico a qual são submetidos: uma forma de responsabilizar os ciganos pelo modo “amoreirado” de praticar a língua.

Assim, após as análises feitas com as contribuições dos entrevistados, baseando-se nos aportes teóricos utilizados para tal análise, foi percebido que a população juvenil ao se utilizar mais comumente e caracteristicamente do “jeito de falar” chamado de Moreira reconhecem-se por meio de uma identidade de resistência; bem como a explicação da população mais idosa por não usar de tal linguagem é um reflexo sócio-histórico de uma geração de valores arraigados na tradição.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **A norma culta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 43. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BARRIO, Angel-B. Espina. Etnolingüística. In: **Manual de antropologia cultural**. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BORBA, Maria Auxiliadora Bezerra. **Saberes & Fazeres do Povo**: Resgate da Cultura Popular na Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006, p. 211-213.

BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 11. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 2003. 68p.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de “nomeação”: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais, **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2006, v. 49, n. 2, p. 689-729.

FONSECA, Alexandre Brasil; NOVAES, Regina. Juventudes brasileiras, religião e religiosidade: uma primeira aproximação. In: UNESCO. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. (Org.) Miriam Abramovay; Eliane Ribeiro Andrade; Luiz Carlos Gil Esteves. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MAY, Jacob L. Etnia, Identidade e Língua. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gem) e Identidade: Elementos Para Uma Discussão no Campo Aplicado**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Letramento, Cultura e Modalidades de Pensamento. In: KLEIMAN, A. (org.). **Os Significados do Letramento: Uma Nova Perspectiva Sobre a Prática Social da Escrita**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

RECTOR, Mônica. **A fala dos jovens**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

ROBINS, Robert Henry. **Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Ed. O Globo, 1981.

ROCHA, Everardo. **O Que é Etnocentrismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

SÃO BENTO. **Lei N° 589/2013 de 10 de junho de 2013**. Cria o Distrito de Barra de Cima Deste Município e dá Providências. 2013

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. (Org.) Charles Bally; Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum. Trad.: Antônio Celini; José Paulo Paes; Izodoro Blickstein. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUSA, R. M. A Sociolinguística na Formação Docente. In: **Aprendendo a aprender**. FÉLIX, J. d'Arc B (org.). UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação- Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais – Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 12. edição. Campinas, SP: Papirus, 2009.

## REFERÊNCIA DA INTERNET

MEIHY, José Carlos Bom. **Memória, História Oral e Diferença**. São Paulo: SESC Memórias. 2012. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM](http://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM)>. Acesso em: 01 ago. 2013.